

## Entre Anjos e Demônios: Roger Casement e o Diário da Amazônia

### Between Angels and Demons: Roger Casement and the Amazon Journal

Mariana Bolfarine (USP/ABEI/ IFSP)<sup>1</sup>

**Resumo:** A vida extraordinária e, ao mesmo tempo, polêmica do nacionalista irlandês Roger David Casement, condenado à morte por alta traição pelo governo britânico, continua sendo fonte de inspiração para a criação de obras de diversos gêneros literários: prosa, poesia, teatro e ensaios críticos. O objetivo deste trabalho é verificar em que medida o romance *O sonho do Celta* (2010/2012), do escritor peruano Mario Vargas Llosa, sugere que a descoberta dos *Black Diaries* contribuiu para que Casement não só fosse levado à forca, mas também para que seu legado como mártir irlandês e precursor dos direitos humanos fosse comprometido. A fundamentação teórica está baseada nos escritos de Robert Burroughs, sobre narrativas de viagem, de Leopoldo Bernucci sobre o romance histórico latino-americano e em considerações do próprio Vargas Llosa sobre sua obra.

**Palavras-chave:** Roger Casement, romance histórico, Black Diaries, legado.

**Astract:** The extraordinary – and at the same time controversial – life of the Irish nationalist Roger David Casement remains a source of inspiration for the creation of works of different literary genres: prose, poetry, drama and critical essays. The aim of this study is to investigate up to what extent the novel *The Dream of the Celt* (2010/2012), by the Peruvian writer Mario Vargas Llosa, suggests that the discovery of the Black Diaries, of homosexual content, contributed to Casement being taken to the gallows after being arrested and tried for high treason, but also to the undermining of his legacy as an Irish martyr and forerunner of human rights. The theoretical framework is based on the writings by Robert Burroughs on travel writing, Leopoldo Bernucci on the historical Latin American novel and by Vargas Llosa's own considerations about his work.

**Key-words:** Roger Casement, Historical novel, Black Diaries, legacy

**Submetido em 26 de maio de 2016.**

**Aprovado em 06 de setembro de 2016.**

### Introdução

*Cada um de nós é, sucessivamente, não um, mas muitos. E essas personalidades sucessivas que emergem umas das outras, costumam oferecer os contrastes mais estranhos e assombrosos entre si.*  
(*The Dream of the Celt*, 354)

---

<sup>1</sup> Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e professora substituta do IFSP. É pesquisadora da Cátedra de Estudos Irlandeses W.B. Yeats/FFLCH e diretora administrativa da Associação Brasileira de Estudos Irlandeses – ABEI.

Roger Casement, nasceu em Sandycove, Dublin, 1864. Foi um cônsul britânico aclamado por ter escrito relatórios expondo atrocidades cometidas contra os nativos do Congo belga e da Amazônia peruana durante o auge da exploração da borracha no início do século XX. Por não trazer as quotas de borracha que lhes eram impostas, homens, mulheres e crianças eram flagelados, tinham membros cortados e sofriam de inanição. Após testemunhar tais atrocidades, Casement voltou-se contra o império britânico e aderiu à causa da independência da Irlanda. Buscou apoio alemão, de 1914 a 1916, durante a Primeira Guerra mundial, e foi preso ao retornar à Irlanda para participar do Levante da Páscoa de 1916. Durante seu julgamento por alta traição, diários de conteúdo homossexual, os *Black Diaries*, foram encontrados pelo Ministério do Interior, minando um pedido de clemência. Casement foi enforcado A aos 3 de agosto de 1916.

A vida extraordinária e, ao mesmo tempo, polêmica de Roger Casement, continua sendo fonte de inspiração para a criação de obras em prosa, poesia, teatro e ensaios críticos. O objetivo deste trabalho é verificar em que medida o romance *O sonho do Celta*, do escritor peruano Mario Vargas Llosa, baseado na vida de Casement, sugere que a descoberta dos *Black Diaries* contribuiu para que ele não só fosse levado à forca, mas também para que seu legado como mártir irlandês e precursor dos direitos humanos fosse comprometido.

Apresentarei um breve pano de fundo sobre Vargas Llosa, vencedor do prêmio Nobel em 2010, e, em seguida, discutirei a estrutura do romance. Por fim, verificarei a seguinte hipótese: ao contar a história do julgamento e da morte de Roger Casement, Vargas Llosa retrata um momento decisivo em termos do seu legado e conclui que ele permanece, como já anteriormente retratado no poema “The Ghost of Roger Casement”, do célebre escritor irlandês, WB Yeats, um fantasma que assombra a história de três continentes: Europa, África e América do Sul.

## **1. Vargas Llosa e Roger Casement**

Mario Vargas Llosa é um dos mais ilustres escritores do boom literário latino-americano, um movimento que surgiu em resposta a importantes transformações sócio-políticas, como a Revolução Cubana de 1959, e as ditaduras dos anos 1960-1970. Apesar da literatura do boom estar pautada em grande parte no realismo mágico, Vargas Llosa, é um escritor predominantemente realista. A história desempenha um papel

fundamental nos seus romances, servindo de ponto de partida para distorcer fatos e personagens com toda a liberdade que um romancista pode ter.

A obra de Vargas Llosa possui temas comuns a Julio Cortázar e Gabriel Garcia Marquez, tratando da corrupção, violência e exploração humana. Não por acaso, a vida do revolucionário irlandês chamou sua atenção. O título, *O Sonho do Celta*, foi inspirado num poema escrito por Casement sobre seu sonho por uma Irlanda independente, como relata a seguinte passagem: “No sonho, ele se lembrou com insistência de que, em setembro de 1906, antes de partir para Santos, tinha escrito um longo poema épico, ‘O sonho do celta’, sobre o passado mítico da Irlanda [...]” (VARGAS LLOSA, p. 129).

Nesse poema de Casement, o eu lírico faz uma exaltação aos guerreiros celtas que exterminarão os anglo-saxões em nome de uma terra liberta. Apesar de não haver uma correlação direta entre os dois textos, pode-se dizer que suas inclinações nacionalistas estão explícitas no poema. Essa face da personalidade de Casement é explorada por Vargas Llosa, que enfoca justamente seu sonho por uma Irlanda independente.

Além disso, *O Sonho do Celta* traz à tona um capítulo da história do final do século XIX, começo do XX: as consequências do boom da economia da borracha na África e na América do Sul. Sua estrutura resulta da justaposição entre duas sequências temporais distintas: o presente e o passado. Desse modo, romance é dividido em três partes: “O Congo”, “Amazônia”, “Irlanda” e um “Epílogo”. O julgamento de Casement é o fio condutor da obra fornecendo sequência para os eventos do passado sob forma de flashback.

Na primeira parte, “O Congo”, o romance trata dos 20 anos que Casement passou na África. Ele chegou ao Congo Belga, região que é hoje conhecida como Zaire, em 1884 e logo foi nomeado agente colonial da Associação Internacional do monarca absolutista Leopoldo II. Após denúncias de atrocidades cometidas contra os africanos que chegavam à Europa, Casement viajou ao alto Congo em 1903 a fim de investigar e informar oficialmente o governo britânico sobre as condições de trabalho dos congolezes durante o ciclo da borracha, pois denúncias de maus tratos, como mutilações e flagelamentos, cometidos contra os nativos coletores de borracha, haviam chegado à Europa. Como resultado, Casement produziu um relatório ao Ministério das Relações Exteriores, ilustrado por fotografias tiradas por missionários e depoimentos das vítimas. Esse documento foi publicado em 1904 como um Blue Book, livro de registro oficial

britânico, que condena a condução de Leopoldo II. Após a entrega desse relatório, que o tornou uma figura conhecida, Casement foi informado que o rei George V o condecoraria com um título de nobreza. Contudo o cônsul gentilmente declinou o convite alegando que um problema no joelho o impediria de fazer a reverência.

A segunda parte, “Amazonia”, abarca os sete anos que Casement passou na América do Sul. Casement foi oficial consular britânico no Brasil por sete anos em Santos (1906-1908), Belém do Pará (1908-1909) e como cônsul-geral no Rio de Janeiro (1909 a 1913). Muito do que está escrito nessa seção de *O Sonho do Celta* está presente no *Diário da Amazônia*, escrito por Casement entre 1910 e 1911, quando fez parte de uma Comissão de Inquérito Parlamentar, formada pelo ministério das relações exteriores britânico. Nesse relato, Casement desconstrói o imaginário idílico da amazônia que o precedeu, enfocando não a escravidão por dívida do sertanejo seringueiro brasileiro, mas a violência decorrente desse mesmo sistema de exploração praticada pela Peruvian Amazon Company, companhia inglesa registrada em Londres, aos povos indígenas, habitantes do Putumayo, região disputada entre Peru, Colombia e Brasil. Por meio de sua investigação, Casement desconstrói não apenas o ideário romântico atribuído à floresta amazônica, mas também desmascara frente ao Europeu o processo de extração da borracha exigida na fabricação do pneumático de John Dunlop, entre 1890 e 1900.

O período de extração da borracha na Amazônia, em que Casement escreveu seu diário, era de acentuado contraste sócio econômico. Segundo Ana Maria Daou (2000), durante o século XIX, e início do XX a região viveu um período conhecido como “belle époque amazônica” (p. 7) um lugar em que o progresso marchava em ritmo alucinante. Tanto Manaus quanto Belém do Pará passaram por uma transformação urbana, tendo sido implantados serviços como redes de esgoto, iluminação elétrica, pavimentação de ruas e circulação de bondes. Destaca-se “o sistema telégrafo subfluvial, frequentemente mencionado por Casement em seus escritos, que garantia a comunicação da capital com os principais centros mundiais de negociação da borracha” (op. cit, p.37). Esse processo de modernização trouxe consigo uma maior sistematização da comercialização mundial do látex extraído das seringueiras (*Hevea brasilienses*), abundantes na floresta amazônica. Mas, em contrapartida, houve também uma sistematização da violência empregada aos coletores durante o processo de extração da seringa; e é justamente esse modus operandi que Casement desnuda em seu relatório oficial, que contribuiu com a

queda da Companhia Peruana. Por ter trazido à luz tais crimes cometidos contra a humanidade, Casement recebeu o título de Cavaleiro, ou de Sir Roger Casement, em 1912.

A terceira parte, “Irlanda”, o foco desta apresentação, se refere ao envolvimento de Casement com o movimento de independência da Irlanda. A ideia de buscar apoio alemão para um possível Levante surgiu quando ele estava no Putumayo. No *Diário da Amazônia*, ele escreve que os 400 anos de colonização brasileira e portuguesa transformaram a América do Sul primeiro num inferno e, em seguida, num deserto. (*Amazon Journal* 434). Em contrapartida, ele vê na civilização teutônica a solução para os problemas na Amazônia:

Nada poderia ser mais agradável do que ver a bandeira da civilização teutônica avançar floresta adentro. [...] acredito que o povo certo para a tarefa não é “nem o saxão, nem o italiano”, mas nossos amigos, os alemães. Nem americanos ou canadenses, ou nada que seja latino ou latinizado. A maldição deste continente é sua latinização. (CASEMENT, p. 366)

Casement passa a acreditar que a Alemanha poderia ser também um aliado na luta pela independência irlandesa e decide buscar apoio financeiro para angariar armas e formar uma brigada de prisioneiros de guerra. Apesar dos esforços e das boas intenções, os planos de Casement se tornaram uma sucessão de fracassos. Vargas Llosa captura o momento em que ele se dá conta de que a Alemanha deixaria de cumprir o prometido:

Que diferença da atitude no começo, quando, deixando-se convencer pelo entusiasmo de Casement, eles apoiaram sua iniciativa de reunir todos os prisioneiros irlandeses no campo de Limburg supondo que, quando o ouvissem falar, centenas deles se alistariam na Brigada Irlandesa. Que fracasso e que decepção! A mais dolorosa da sua vida. Um fracasso que o deixava no ridículo e fazia em pedaços seus sonhos patrióticos. (VARGAS LLOSA, p. 232)

Apesar de se autoquestionar, Casement se manteve fiel às suas convicções. Ao saber que o Levante fora agendado para o dia 24 de abril de 1916, ele decide voltar para a Irlanda num submarino alemão, sem a brigada e com uma quantidade muito menor de rifles do que fora prometido. Porém, nele não teve êxito, pois, ao chegar em Tralee, na costa oeste da Irlanda, Casement foi preso e a embarcação com as armas foi interceptada e afundada pelos britânicos.

## 2. O Julgamento de Roger Casement

O julgamento de Roger Casement é a espinha dorsal do romance, que é estruturado *in medias res*. Da mesma forma que poemas épicos gregos, como a *Odisséia* de Homero, e a *Eneida*, de Virgílio, *O Sonho do Celta* começa num ponto médio, ao invés de no início. Nesse momento, Vargas Llosa recria imaginativamente os últimos dias de Casement na prisão de Pentonville em Londres. Enquanto esteve preso, Casement recebia visitas, sempre anunciadas pelo xerife que guardava sua cela, e o primeiro visitante é o assistente do seu advogado Gavan Duffy. Casement estranha o fato de Gavan Duffy não ter ido pessoalmente. O jovem, “vestido como um almofadinha” (VARGAS LLOSA, p. 4) o encara friamente e com asco, e lhe diz que era impossível que o pedido de clemência fosse aceito. Casement pergunta a razão pela qual, o Sr. Gavan Duffy, que estava otimista sobre a petição, havia mudado de ideia:

– Os diários – [...] A Scotland Yard os descobriu, na sua casa em Ebury Street. [...] Como pode colocar aquelas coisas no papel, homem de Deus. E, já que fez isso, como não tomou a precaução elementar de destruir esses diários antes de conspirar contra o império britânico. [...] Trechos desses diários estão circulando agora em toda a parte. (VARGAS LLOSA, p. 14)

Após Casement ouvir essa notícia, o seu sentimento de surpresa ao saber que o pedido de clemência estava comprometido é substituído pelo de humilhação. Ademais, o xerife faz com que Casement se sinta ainda mais rebaixado ao dizer-lhe que estava nos jornais por conta de atitudes duplamente criminosas:

– Traidor e pervertido ao mesmo tempo. Que porcaria! Vai ser um prazer vê-lo dançar na ponta de uma corda, ex-Sir Roger.  
 – O Gabinete negou meu pedido de clemência?  
 – Ainda não. [...] Mas vai recusar. E também Sua Majestade o Rei, naturalmente.  
 – Não vou pedir clemência a ele. É rei de vocês, não meu.  
 – A Irlanda é britânica. Agora mais do que antes, depois que esmagamos o covarde Levante da Semana Santa em Dublin. Uma punhalada nas costas de um país em guerra. Eu não teria fuzilado os líderes, teria enforcado. (VARGAS LLOSA, p. 250)

A conversa entre Casement e o xerife revela que ele teria que pagar pelos dois crimes polêmicos de que era acusado: a sua “traição” à Coroa britânica, ao aderir a causa irlandesa, e a descoberta dos *Black Diaries*, diários de conteúdo homossexual revelados pelo Ministério do Interior, cuja autoria lhe fora atribuída.

Contudo, o narrador de *O Sonho do Celta*, aos poucos, desconstrói essas acusações ao revelar que ambas são questionáveis, pois suscitam questões relativas, por um lado, às reais motivações de Casement ao participar do Levante e, por outro lado, à

autenticidade dos *Black Diaries*, se ele, de fato, praticou as perversões descritas ali. Em face de tais contradições que persistem até o desfecho do romance, inferimos que o Casement de Vargas Llosa é um “flawed hero” – sou seja, “um herói falho” – nas palavras do biógrafo Roger Sawyer – com inseguranças, desejos e movido pelo idealismo que o levou à força.

Para dar conta das complexidades da vida desse herói falho, Vargas Llosa cria um contexto no qual ele vive uma vida dupla: uma de sonhos eróticos homossexuais secretamente rabiscados em diários íntimos, que está numa relação de oposição a sua função de cônsul britânico aparentemente imaculado. Isso está presente nesta passagem em que Casement descreve fantasias homossexuais não concretizadas como um meio de canalizar seus desejos proibidos:

De vez em quando, como fizera tantas vezes na África e no Brasil, fazia amor a sós, rabiscando nas páginas do diário, com uma letra nervosa e apressada, frases sintéticas. [...] Esses simulacros o deixavam num torpor deprimente, [...] pois lhe davam, mais do que qualquer coisa, uma consciência aguda da solidão e da sua condição de clandestino que, sabia muito bem, o acompanharia até a morte. (VARGAS LLOSA, p. 327)

Uma explicação para a esse enigma, que é Roger Casement, seria o puritanismo na Inglaterra do século XIX, início do XX, em que a homossexualidade era considerada um crime, e associada a doenças e anormalidade. No entanto, uma vez que Casement escapa desse ambiente repressor, ele se sente livre para descobrir prazeres proibidos com jovens das colônias. A África (e posteriormente a América do Sul) era para ele um espaço geográfico de liberdade: “Lá os seres humanos podiam ser maltratados de maneira cruel, mas também manifestar suas paixões, fantasias, desejos, instintos e sonhos sem os empecilhos e preconceitos que, na Grã-Bretanha, sufocavam o prazer” (VARGAS LLOSA, 243)

Contudo, na medida em que chega ao fim da sua vida, Casement deseja se reconciliar com a fé Católica. Assim, Vargas Llosa retrata um personagem em busca de perdão e redenção: “Será que Deus, no momento supremo, faria todas as somas e subtrações? Ele o perdoaria? Castigaria? Roger estava curioso, não atemorizado. Era como se não se tratasse de si mesmo, mas de um exercício intelectual ou de adivinhação.” (VARGAS LLOSA, p. 323). Nessa referência a Casement fazendo um acerto de contas com Deus, novamente Vargas Llosa o retrata como um ser humano

consciente de suas contradições: da relevância de seu trabalho humanitário no Congo e no Putumayo e, em contrapartida, da sua sexualidade proibida.

Pouco tempo depois, chega a notícia da condenação de Casement por traição e, aos 3 de agosto de 1916, dia de sua execução, ele recebe sua primeira comunhão. Ao ser questionado sobre se tinha algo a dizer, ele “Negou com a cabeça, mas, entre os dentes, murmurou: ‘Irlanda’”. (VARGAS LLOSA, p. 384) Ainda que isso não esteja de acordo com o relato oficial, segundo o qual suas últimas palavras foram “Senhor Jesus, receba a minha alma”, (apud BERNUCCI, p. 19), o crítico Leopoldo Bernucci argumenta que Vargas Llosa acertou ao fazer que “Irlanda”, fosse sua última palavra. Para ele, esta combinação doce e simples, de sete letras, encapsula o fervor espiritual de Casement, além do seu patriotismo e amor pela terra natal (BERNUCCI, p. 19)

### 3. Epílogo de Vargas Llosa

No “Epílogo”, Vargas Llosa assume a posição do narrador e oferece sua visão pessoal a cerca do legado de Casement. Ele ressalta a ideia de que Casement continuaria a sofrer injustiças mesmo após a morte: em primeiro lugar, pelo fato de mencionar o exame retal realizado no cadáver para chegar à conclusão de que “à simples vista”, o ânus revelava uma clara dilatação, assim como ‘a parte inferior do intestino, até onde alcançavam os dedos da minha mão.’ O médico concluiu que essa exploração confirmava “as práticas a que o executado aparentemente era inclinado.” (VARGAS LLOSA, p. 385). Em segundo lugar, contrário ao seu desejo final, de repousar em Murlough Bay, Irlanda do Norte, os restos de Casement foram “enterrado sem lápide, nem cruz, nem iniciais, ao lado do túmulo também anônimo do Doutor Crippen, um célebre assassino que havia sido justificado muitos anos antes.” (VARGAS LLOSA, p. 385). Finalmente, Vargas Llosa dedica algumas linhas à controvérsia dos *Black Diaries*:

Minha própria impressão – impressão de um romancista, claro – é que Roger Casement escreveu os famoso diários, mas não os viveu, pelo menos não integralmente, que há neles muito de exagero e de ficção, que ele escreveu certas coisas porque gostaria de vive-las, mas não pode. (VARGAS LLOSA, p. 387)

Para Vargas Llosa, a imagem de Casement como herói precursor dos direitos humanos no Congo e no Putumayo, ficou comprometida pelos *Black Diaries*, ainda que muitos acadêmicos acreditem que tenham sido forjados. Na Irlanda, praticante de uma moral severa, a simples suspeita de perversão sexual “condenava a pessoa ao opróbio”

(VARGAS LLOSA, p. 386) e a sua retirada da consideração pública. Consequentemente, o romancista chama a atenção para a forma como a história de Casement se esvaeceu após sua execução, mas, como alguns tipos de fogos de artifício que se apagam à distância e logo são ressuscitados em chuveiros de luz. Ocorreu o mesmo na África e América do Sul, como Vargas Llosa bem, assinala: “Não ficaram as marcas no Congo nem na Amazônia daquele que tanto fez para denunciar os grandes crimes cometidos nessas terras nos tempos da borracha.” (VARGAS LLOSA, p. 388)

O silêncio que se seguiu à história de Casement sugere a presença de um trauma cultural. Casement terminou como um fantasma que ainda assombra as relações anglo-irlandesas. De acordo com a teórica Anne Whitehead, na ficção de trauma, o fantasma:

[...] representa a ocorrência de uma disjunção da temporalidade, o re-surgimento do passado no presente. Na ficção contemporânea há uma abundância de romances que exploram histórias assombradas. Os vestígios de eventos passados não resolvidos, ou os fantasmas daqueles que morreram muito de repente e violentamente, que não são propriamente velados, acabam por assombrar os vivos. (WHITEHEAD, p. 6, tradução minha)<sup>2</sup>

A principal questão da qual trata Whitehead, de fantasmas que continuam assombrando o presente, têm sido recorrentes na ficção contemporânea e, o que está em jogo em *O Sonho do Celta* é o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido. Essa dialética entre a lembrança e o esquecimento está intrinsecamente relacionada à traição e à homossexualidade de Casement, que, hoje, são vistos como parte integrante de suas convicções nacionalistas.

## Conclusão

Concluo afirmando que a falta de um posicionamento radical assumido por Mario Vargas Llosa em relação à homossexualidade de Roger Casement é confortável na medida em que evita lidar com um assunto que continua sendo polêmico ainda nos dias atuais. Não obstante, essa questão, abordada obliquamente em *O Sonho do Celta*, é relevante para provar seu ponto sobre a matéria da qual os heróis são feitos. Para Vargas Llosa, a imagem de Casement como um herói humanitário no Congo e no Putumayo

---

<sup>2</sup> No original: “ The ghost represents an appropriate embodiment of the disjunction of temporality, the surfacing of the past in the present. In contemporary fiction there has been an abundance of novels, which explore haunted histories. The traces of unresolved past events or the ghosts of those who died too suddenly and violently to be properly mourned, possess those who are seeking to get on with the task of living” (WHITEHEAD, p. 6).

tornou-se contaminada pela mera suspeita de ser um perverso, o que o levou a ser expulso da consideração pública.

Desse modo, o personagem baseado em Roger Casement em *O Sonho do Celta* pode ser visto como um fantasma que ainda assombra a história do mundo transatlântico, visto que ele foi injustamente enforcado, em seguida, enterrado numa vala rasa no cemitério de Pentonville reservada para estupradores e assassinos. Vargas Llosa alega que a campanha feita pelo Ministério do Interior britânico para denegrir sua imagem foi eficaz ao evitar que Casement fosse prontamente aceito: “... no panteão dos heróis da independência irlandesa”. Felizmente, o contrário está ocorrendo em 2016 e essas são as primeiras celebrações em que o nome de Casement tem ganhado destaque. Chamo atenção para um selo feito exclusivamente para as comemorações oficiais na Irlanda, no qual seu rosto está em destaque.

Ao invés de dar uma solução definitiva para o enigma que é a vida de Roger Casement, Vargas Llosa mantém as suas ambivalências, pois, como escreveu José Henrique Rodó, citado em *O Sonho do Celta*, “um homem é muitos homens”, e feito tanto de “anjos” quanto de “demônios”. (VARGAS LLOSA, 2010, p. 354)

## Referências

BERNUCCI, Leopoldo. History and Imagination in *The Dream of the Celt. Breac: A Digital Journal on Irish Studies*, 2016.

CASEMENT, Roger. *Diário da Amazônia de Roger Casement*. Angus Mitchell, ed., Laura Izarra e Mariana Bolfarine, orgs., tradução de Mariana Bolfarine, Mail de Azevedo Marques e Maria Rita Drumond Viana. São Paulo: EDUSP, 2016.

DAOU, Ana Maria. *A Belle Epoque amazônica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000.

LLOSA, Mario Vargas. *O Sonho do celta*. Editora Objetiva: Rio de Janeiro, 2011[2010]

WHITEHEAD, Anne. *Trauma Fiction*. Edinburgh University Press: Edinburgh, 2004.